

ANALOGIA E DIALÉTICA: A PROPÓSITO DE TOMÁS DE AQUINO E DE HEGEL (II)

M. F. de Aquino

2.0. Qualquer estudo do pensamento de Hegel deve caracterizar-se, decisivamente, pela delimitação do prisma da exposição total do sistema(1) a partir do qual esse é focalizado. Esse ensaio não pretende embrenhar-se pelos atalhos ainda inóspitos do tema da exposição do sistema em Hegel. Continuando a reflexão já feita em *Analogia e Dialética(I)*(2), chama-se a atenção para esse fato elementar de que no pensamento hegeliano há, pelo menos, três exposições do sistema, a saber: a *lógica*, a *fenomenológica* e a da *sistemática do real*(3). Ora bem, quando se fala de Dialética(4) em Hegel, requer-se uma certa cautela a respeito da exposição determinada que se toma ou se persegue. Com efeito, se por um lado a articulação do que se entende por Dialética tem elementos comuns a todas dimensões do sistema, por outro lado, enquanto é um conhecimento mediato, Dialética adequa-se às diferentes modalidades do ser(5). Em outras palavras, estrutura-se conforme o prisma sistemático que se tem em mente. Assim como na primeira parte do ensaio, consagrada a Tomás de Aquino, procurou-se dar o destaque devido à conjunção de ontologia e lógica na estruturação do conceito de Analogia, nessa segunda parte procurar-se-á seguir a pista da *ontologia*, isto é da lógica especulativa, subjacente ao pensamento de Hegel. O foco regulador da questão é a implicação da lógica numa doutrina da linguagem. O que, por sua vez, implica numa análise da *Semiologia*(6) e da *Filosofia da linguagem* que Hegel propõe na sua Psicologia.

2.1. Explorando, numa maneira reconhecidamente sumária, o conceito de Dialética nos seus elementos comuns às diversas exposições do sistema, pode-se constatar nele os aspectos da *negatividade*, da *subjetividade* e da *contradição*(7). Ou seja, Dialética tem a ver com a negação da imediatidade inicial que se oferece à intuição intelectual, ademais tem a ver tanto com o desdobramento da referência do sujeito a si mesmo, quanto com a contradição através da qual o movimento do pensamento é o movimento da coisa (= Sache), enquanto auto-

movimento.

Esse elemento contraditório presente no real é de grande importância para a estruturação interna do conceito de Dialética, pois é graças a ele que se desenvolve um novo conceito de realidade no qual sujeito e objeto determinam-se reciprocamente. É através desse elemento que o conceito de Dialética, para Hegel, transborda as margens do domínio do pensamento e se constitui em princípio da realidade(8). O elemento constitutivo da contradição na Dialética é o que suscita um sem número de polêmicas, especialmente por parte daquele setor do filosofar conhecido como positivismo lógico-matemático. Basta recordar a afirmação famosa de *K. Popper*(9), segundo o qual Dialética significa o fim de qualquer crítica e, destarte, constitui-se num sério perigo para a ciência.

2.2. Uma vez que já se delimitou o campo do presente ensaio ao da *logicidade* na sua referência à *Psicologia*, é mister recordar que a Ciência da Lógica representa o esforço despendido por Hegel de conjugar o caráter objetivo e concreto da Filosofia grega com o caráter subjetivo da Filosofia moderna. O que faz com que nessa obra o conceito de Dialética conjugue, em última análise, ontologia com epistemologia no médio da linguagem. Nessa conjugação, o conceito de Dialética é exposto como um problema de método. Melhor ainda, o método é a coisa mesma, exposta na linguagem como movimento de si(10).

2.3.0. Nesse sentido, o método dialético tal como Hegel o concebe na Lógica desdobra a referência mútua que há entre *forma* e *conteúdo* do movimento da Coisa. Formalmente, o método desdobra-se num sistema ternário (imediatidade, mediação, imediatidade mediada) que também pode ser quaternário (posição inicial, primeira negação, segunda negação ou negação da negação, novo início). Essa forma que comanda a inteira arquitetura da Ciência da Lógica sofre uma inflexão sobre si mesma e comanda, igualmente, a arquitetura da própria idéia absoluta. A qual é o desdobramento do ser inicial(11), assumido como totalidade concreta, i.é. que se desenvolve como mediação. Essa nega o próprio começo imediato e, pensando-se a si mesma, nega-se como negação. Com isso vem a alcançar a unidade de imediatidade e mediação(12).

2.3.1. A ontologia subjacente à Ciência da Lógica deixa-se guiar por algumas concepções de fundo. A primeira é a concepção de *reciprocidade* que há entre os termos que estão em relação uns com os outros. Em poucas palavras, o conceito de Dialética tem a ver com uma

ontologia relacional. Tal relacionalidade torna-se possível seja porque a *mediação* faz parte da coisa como tal, seja porque a coisa é uma *totalidade* de determinações contraditórias. Um dos momentos arquetônicos da Lógica, decisivo para essa concepção duma relacionalidade recíproca é o do surgir da coisa na existência, constituído a partir do movimento dialético entre fundamento e fundamentado, ou seja entre condicionante e condicionado(13). No plano do substrato relacionado, o conceito de Dialética vai à procura da coisa em si mesma, como uma identidade entre totalidades compenetradas.

A segunda concepção de fundo que serve de fio condutor para o exame do conceito de Dialética na esfera da logicidade, repetindo as palavras do próprio Hegel, é a de que "As formas do pensamento são antes de tudo expostas e consignadas na linguagem humana. (...) Em tudo aquilo que para ele se torna um interno, em geral uma representação, em tudo aquilo que o homem faz seu, insinuou-se a linguagem; e aquilo do qual o homem faz linguagem e que ele exterioriza na linguagem, contém numa forma involuída e menos pura, ou então mais elaborada uma categoria"(14). Ora bem, se o conceito de Dialética tem a que ver com o conceito de mediação, para Hegel o *signal*, e mais precisamente a *linguagem* é o termo médio que, na esfera do elemento espiritual, articula a conclusão de dois elementos estranhos um no outro(15). No elemento do espírito, a linguagem é o que constitui a relação de comunicação. Na perspectiva do método lógico, o conceito de Dialética exprime a passagem do sensível ao nível de linguagem significante e, por sua vez, a exteriorização do pensamento do sensível numa determinação do pensamento. Muito brevemente, a unidade original entre significado auto-referencial e coisa, na Lógica efetua-se na linguagem(16).

Uma terceira concepção que perpassa a ontologia subjacente à Lógica é a da *historicidade*. Esse conceito tão decisivo e central está ligado, no pensamento de Hegel, ao conceito de espírito. A genialidade de Hegel é a de articular uma ontologia do espírito na qual o conceito lógico do espírito acha-se em co-relação ao conceito real-sistemático do mesmo no médio da linguagem. À qual, ver-se-á em seguida, está ligada a forma subjetiva do tempo. É dessa forma que para Hegel a Filosofia cumpre-se como *Zeitanalyse*.

2.4.0. Ora bem, impõe-se destarte um breve estudo daquilo que Hegel considera ser o termo médio no elemento do espírito. Em outras palavras, é mister examinar a *Semiótica* e, mais precisamente, a *Filosofia da linguagem* que Hegel desenvolve na terceira parte da *Enciclopédia* berlinense, na seção consagrada ao *espírito subjetivo*. Essa se arti-

cula numa *Antropologia*, numa *Fenomenologia* e, finalmente, numa *Psicologia*. Pois é, justamente, no espaço sistemático ocupado pela Psicologia que a doutrina da linguagem vai se desenvolver.

Antes de mais nada, impõem-se duas observações preliminares. A primeira visa dar o devido destaque ao grande respeito nutrido por Hegel a propósito da Psicologia aristotélica(17). Respeito que surge numa atitude crítica em relação a Kant, o qual, aos olhos desse leitor infatigável da herança grega que foi Hegel, não examinou a idéia verdadeira dos filósofos antigos a propósito do conceito de espírito(18). A segunda observação diz respeito ao deslocamento, efetuado por Hegel, do tratado sobre a linguagem, que passa do *Organon*, i.é do tratado intitulado *Da Interpretação*, para o tratado sobre o espírito. Mais precisamente, passa para a *Psicologia*(19).

2.4.1. Na Enciclopédia berlinense, a Psicologia(20) tem uma configuração tricotômica, dividindo-se em espírito teórico, espírito prático e espírito livre, conforme o espírito atue-se no conhecimento, no querer ou na síntese de ambos. A primeira potência do espírito que conhece o verdadeiro é a *intuição*, cuja atividade própria é a de ser, por um lado, recordada em si na matéria exterior e, por outro lado, de ser na sua recordação em si imersa na exterioridade (cfr. § 449). Nessa atividade de recordar, a intuição determina "o conteúdo da sensação como um ser fora de si, e o lança no espaço e no tempo que são as formas onde ela é intuitiva" (§ 448).

O horizonte remoto da Filosofia da linguagem de Hegel é a *Erinnerung* (§ 452), à qual a forma do *tempo* está intimamente ligada. Ademais, a recordação é o elemento que serve de argamassa entre o nível da intuição e o da representação. Ela se constitui, igualmente, na primeira sub-potência da representação, cuja atividade é a de formar a *imagem* (§ 455), pondo o conteúdo do sentimento no espaço e no tempo próprio da inteligência.

O horizonte próximo da Filosofia da linguagem do mesmo é a sub-faculdade da *imaginação*, raiz comum da Semiótica hegeliana. Para Hegel, a imaginação é *reprodutiva* (§ 455), ou seja, o conteúdo representado serve de relação associativa das imagens. Desse modo, a inteligência é *fantasia* que imagina em si o material que recorda (§ 456). Ora bem, nisso consiste a nota característica da Psicologia hegeliana, de que é na fantasia que se toca o ser, a coisa (= Sache), a partir da qual a fantasia produz o sinal. Tal como já acontecera na recordação, Hegel refere o sinal à forma subjetiva do tempo "pois a forma mais verdadeira da intuição como sinal é um ser-aí no tempo"(21).

Dando um passo a mais, a Filosofia da linguagem, constituída pelo *tom*, pelo *discurso* e pela *linguagem qua tale*, tem por conteúdo a existência mais elevada daquilo que foi sentido, intuído e representado. Na Psicologia, Hegel atém-se à linguagem "só na determinação peculiar dos produtos da inteligência que manifesta as suas representações num elemento externo"(22)! A linguagem no seu elemento formal é o meio no qual o intelecto imprime as suas categorias!

Um outro traço, ainda exterior, da Filosofia da linguagem tida por termo médio do espírito é a concepção do *nome* como "ligação da intuição produzida pela inteligência com o seu significado"(23). O nome está a cavalo da imaginação e da memória: "o nome é a coisa como existe e vigora no reino da representação"(24).

2.4.2. O estudo da linguagem, destarte, é uma exigência ditada tanto pelo papel desempenhado por essa na estruturação do conceito lógico de Dialética, quanto pela correspondência original que há do conceito lógico de espírito com o conceito real-sistemático do mesmo. Tanto num quanto no outro caso, a linguagem é o meio no qual o espírito sintetiza o sensível com o inteligível. Nela está enrustida a *historicidade*, pois com efeito o elemento último da linguagem é a *recordação*, à qual está ligada a forma subjetiva do tempo.

Provavelmente, a recordação ligada ao tempo é um dos brotos mais legítimos do tronco constituído pela doutrina kantista do tempo, exposto na teoria das três analogias da experiência na Crítica da Razão Pura(25). Essa é a nascente daquele fluxo espiritual da modernidade que se bifurca, por um lado na concepção hegeliana de historicidade como história da formação da autoconsciência, e por outro lado no projeto heideggeriano da analítica existencial: o ser-af como temporalidade.

Voltando a Hegel, a linguagem enquanto meio no qual o espírito conecta o dado e o significado é afetada pelo tempo(26). E é por isso, como já se afirmou, que a Filosofia é análise do seu tempo! Desse modo, através da vertente real-sistemática do conceito de espírito, na qual o conceito lógico do espírito está em contato com a recordação no tempo (= historicidade) tem lugar a síntese de *ontologia e história*.

A Filosofia da linguagem de Hegel conserva, *grosso modo*, os termos da estrutura aristotélica da mesma. Porém, os termos estão em referências distintas pois a representação (recordação + imaginação) é o elemento que envolve tanto a coisa quanto o nome. Sendo V = repre-

sentação, S = coisa (= Sache), N = nome tem-se a seguinte equação $V(S\Delta N)$ ou seja $VS\Delta VN$. Essa referência da representação à coisa e ao nome seria o trampolim para um estudo futuro do conceito de significado na Lógica de Hegel.

2.5.0. Após esse breve estudo da Filosofia da linguagem, no qual o foco da questão era o conceito de espírito na esfera da Psicologia, é necessário retornar ao conceito lógico de espírito(27). Com efeito, é nele que vai se enraizar o conceito de Dialética como constituinte da doutrina da idéia. Nessa, o objeto não é nem o dado que imprime algo de si, nem mesmo é uma representação do sujeito. No campo do conceito lógico do espírito, o objeto transmutou-se numa *determinação do conceito*(28). Mais que nunca, o conceito lógico de Dialética está ligado ao papel desempenhado pela linguagem na lógica. Ou seja, o conceito lógico de Dialética é eminentemente *comunicativo*.

Muito brevemente as etapas da constituição das determinações da idéia são, respectivamente: *idéia do verdadeiro*(29), *idéia do bem*(30) e *idéia absoluta*(31). No nível da idéia do verdadeiro, a concepção de fundo que comanda a atividade de conhecer é que o objeto é, por excelência, *determinável*(32). Para Hegel, o conhecimento *analítico* é uma comunicação imediata, um alargamento do sujeito no objeto(33). A determinação do conceito ainda tem um caráter receptivo. Recebem-se e acolhem-se determinações dadas.

Por sua vez, o conhecer *sintético* vai em busca da unidade das determinações do conceito(34). Em outras palavras, o seu conteúdo são as determinações do conceito numa unidade imediata(35). A determinação mais adequada ao conceito na idéia do verdadeiro é o *universal*, ao passo que na idéia do bem é o *real*(36). No conceito lógico de espírito há uma imanência mútua entre a verdade e o bem. Isto é, entre a universalidade e a realidade do conceito.

2.5.1. O nível lógico da idéia absoluta é o da unidade entre a idéia teórica e a prática, entre a verdade e o bem. Numa palavra, é o nível da unidade entre o universal e o real. Alcançada essa unidade, a primeira tarefa é a de examinar o aspecto *formal* do conceito de Dialética no nível da idéia absoluta(37).

Formalmente, a idéia é a coisa desdobrada como *método*. Relativamente a esse, deve-se refletir o *movimento do conceito*(38) e a *diferença do método do conceito*(39). O significado do movimento do conceito é o de ser auto-determinante e auto-realizante. No que diz

respeito à diferença, segundo o conhecimento verdadeiro, o conceito é o médio porque tem um significado tanto objetivo quanto subjetivo(40). Ora bem, o conceito de Dialética no plano da idéia está ligado ao significado das determinações do conceito e das suas relações enquanto determinações do método.

A forma do método é a da inflexão da coisa sobre si mesma e, destarte, as suas determinações são as mesmas do *início*: universal, assumido, encontrado, simples, imediatidade, totalidade concreta. Determinações essas que exprimem a *referência abstrata a si*(41).

Com isso, abre-se a perspectiva do conceito lógico de Dialética na sua formalidade. Conceito que não é somente negativo, via e expressão do ceticismo, mas que é também um conceito positivo. Em outras palavras, o primeiro universal mostrou-se como o outro de si mesmo, ou seja mostrou-se como o *mediado*, uma diferença *posta*. Todavia, a determinação *mediada* também é a que *media*, pois o ser-mediado e o ser-mediante são convertíveis(42). O outro em si mesmo é o outro de um outro. Brevemente, a negação determina-se como negação da negação.

O conceito lógico de Dialética conjuga-se à afirmação positiva do *outro*. Destarte, o significado do conceito de Dialética é o outro posto na imanência do si(43). Constitui-se assim a unidade entre o que é imediato com o que é mediato. Constitui-se, em outras palavras, o imediato através da suprassunção da mediação(44): o sujeito individual e concreto. Dialética é a forma semântica para significar a presença do outro no espaço da subjetividade que se refere a si.

2.5.2. A segunda tarefa é a de examinar o aspecto concernente ao *conteúdo* do conceito lógico de Dialética, momento no qual o método alarga-se ao *sistema*(45). Esse alargamento como tal é a premissa inicial do conteúdo. A dimensão dialética desse alargamento é que cada novo sair fora de si, cada determinação ulterior, é um andar em si(46), de tal modo que quanto maior for a extensão do conceito, mais alta é a sua intensidade. Destarte, o método é um *sistema da totalidade* que abraça e contém tudo. O conceito lógico de Dialética é tanto um *regressivo* fundamental do início, quanto um *progressivo* determinar ulteriormente do início. Hegel serve-se da imagem do círculo de círculos para exprimir o movimento do conteúdo do outro no si. O que implica a exteriorização na esfera da natureza e na do espírito(47), significando a relação tanto com a alteridade natural, quanto com a espiritual.

3.0. Chegou o momento de tecer algumas considerações conclusivas. Antes de mais nada, é mister observar que, à diferença do que Hegel afirma no § 79 da Enciclopédia, na Ciência da Lógica o conceito de Dialética tem tanto um aspecto negativo quanto um aspecto positivo. Pois é, justamente, a partir dessa positividade do conceito lógico de Dialética que se descortina, solene e cheio de escarpas, aquele pico maior da cordilheira do espírito humano que é o problema filosófico do outro. Destarte, *Dialética é discurso da alteridade*.

Ora bem, o outro se revela na linguagem dum identidade mais original. Originalidade essa constituída pela sua relacionalidade e pela sua historicidade. A relacionalidade que caracteriza o outro, por sua vez, é atualização do grande tema do desejo e do amor. Nesse sentido, as páginas luminosas que Aristóteles consagra ao tema da amizade entre os bons são uma referência obrigatória para quem quiser estabelecer o amor como fundamento novo da relacionalidade que marca o espírito humano(48). Com efeito, só o amor oblato instaura uma reciprocidade que nada exige e que mantém a radical a-simetria que há entre o Criador e as criaturas. Reciprocidade a-simétrica que para o homem é uma *experiência* de sentido(49).

A nossa época pode ser caracterizada como uma época do social. Com efeito, a irrupção da descoberta da socialidade marca profundamente a consciência contemporânea. Uma grande tarefa para a reflexão filosófica é a de lançar as bases para uma *futura ontologia do social*. Se o social não é algo extrínseco ao ser, e se não subsume a totalidade do ser, o método dum tal ontologia só pode ser o da Dialética. O eixo portador dessa ontologia do social bem poderia ser o elemento da historicidade, como uma análise da irrupção do outro no tempo.

3.1. O conceito hegeliano de Dialética constitui um desafio para a fé que busca a sua intelecção. O clamor do areópago de Atenas enche as praças de Jerusalém. Mas essa também se faz escutar em Atenas, pela voz dos seus órfãos, das suas viúvas, dos seus pobres e de todos os que estão vergados sob algum peso(50). Jerusalém também pode desafiar àqueles que se ocupam com Dialética a se ocuparem com a história dos pequenos(51), nos quais resplandece o mistério que adoramos.

Numa palavra, o conceito de Dialética se por um lado provoca uma maior intelecção da fé cristã, por outro lado deve desembocar no discurso da alteridade como discurso da bem-aventurança.

NOTAS:

- (1) A *Wissenschaft der Logik* será citada segundo a edição de G. LASSON, reimpressão da segunda edição de 1932 (Hamburg 1971), através da sigla WL I, II.
- (2) Cfr. SÍNTESE XII (1985) 45-55.
- (3) A esse propósito ver PUNTEL, L.B., *Darstellung, Methode und Struktur. Untersuchungen zur Einheit der systematischen Philosophie G. W.F. Hegels*. Bonn 1973, Hegel-Studien Beiheft 10, 145-265.
- (4) A literatura sobre o conceito de Dialética é muito ampla. Para situar-se na problemática hodierna é aconselhável manusear a Revue Internationale de Philosophie, trigésimo sexto ano, nº 139-140 de 1980, totalmente consagrada a essa questão, citada doravante sob a sigla RIP 36 (1980).
- (5) Cfr. WL II, 102-103.
- (6) Ver DERRIDA, J., *Le puits et la pyramide. Introduction à la sémiologie de Hegel*. In J. D'Hondt (Textes publiés sous la direction de) *Hegel et la pensée moderne. Séminaire sur Hegel dirigé par J. Hyppolite au Collège de France (1967-1968)*. Paris 1970, 27-83.
- (7) Cfr. PLANTY-BONJOUR, G., *Hegel et la dialectique selon les Grecs*, RIP 36 (1980) 3-20, especialmente 4.8.13.
- (8) Cfr. SCHULZ, W., *Philosophie in der veränderten Welt*. Pfullingen 1972, 841, onde ele se exprime assim "Es lag uns daran, einen neuen Begriff der Wirklichkeit zu entwickeln und ihn als für uns verbindlich darzulegen. Wirklichkeit ist, so wurde mehrfach formuliert, weder eine vorgegebene Objektwelt noch beruht sie auf einer Setzung des Subjekts. Wirklichkeit ist vielmehr ein Geschehenszusammenhang, in dem Objekt und Subjekt miteinander verflochten sind in der Weise gegenseitiger Bedingung: das Subjekt wird ebenso vom Objekt bestimmt, wie es dieses bestimmt. Dies Geschehen stellt einen Prozess dar, dessen Grundmerkmal die *Dialektik* ist".
- (9) POPPER, K.R., *Was ist Dialektik?* In E. Topitsch (Ed.), *Logik der Sozialwissenschaften*. Köln 1965, 262ss. Sobre as implicações políticas do conceito de Dialética ver TOPITSCH, E., *Die Dialektik als Form politischer Argumentation*, Zeitschrift für philosophische Forschung 33 (1979) 333-351.
- (10) Cfr. KIMMERLE, H., *Die allgemeine Struktur der dialektischen Methode*, Zeitschrift für philosophische Forschung 33 (1979) 184-209.
- (11) Cfr. WL II, 488.
- (12) Cfr. WL II, 498.
- (13) Cfr. WL II, 63-100.
- (14) Cfr. WL I, 9-10.
- (15) Cfr. WL II, 379.
- (16) Ver HYPOLITE, J., *Logique et existence. Essai sur la logique de Hegel*. Paris 1961, especialmente o capítulo II, intitulado *Sens et Sensible* 17-46.
- (17) Cfr. WL II, 433.
- (18) Cfr. WL II, 431.

- (19) Na efetuação dessa passagem, todavia, Hegel é devedor da Filosofia iluminista. A respeito dessa ver CASSIRER, E., *Die Philosophie der Aufklärung*. Tübingen 1973³. Ver especialmente as páginas 123-177. Sobre a transformação do "NOUS" aristotélico operada por Hegel ver KERN, W., *Die Aristotelesdeutung Hegels. Die Aufhebung des Aristotelischen "NOUS" in Hegels "GEIST"*. In *Philosophisches Jahrbuch* 78 (1971) 237-259.
- (20) *A Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaft 1830* será citada segundo a edição de F. NICOLIN e O. PÖGGELER, reimpressão da sétima edição de 1969 (Hamburg 1975), através da sigla BE. Cfr. BE §§ 440-482.
- (21) BE § 459 "so ist die wahrhaftere Gestalt der Anschauung, die ein Zeichen ist, ein Dasein in der Zeit".
- (22) BE § 459A "Die Sprache kommt hier nur nach der eigentümlichen Bestimmtheit als das Produkt der Intelligenz, ihre Vorstellungen in einem äusserlichen Elemente zu manifestieren, in Betracht".
- (23) BE § 460 "Der Name als Verknüpfung der von der Intelligenz produzierten Anschauung und seiner Bedeutung ist zunächst eine *einzelne* vorübergehende Produktion".
- (24) BE § 462 "Der *Name* ist so die *Sache*, wie sie im Reiche der Vorstellung vorhanden ist".
- (25) A esse respeito ver DÜSING, K., *Objektive und subjektive Zeit. Untersuchungen zu Kants Zeittheorie und zu ihrer modernen kritischen Rezeption*, *Kant-Studien* 71 (1980) 1-34.
- (26) Numa outra perspectiva, sobre a relação tempo e linguagem ver JACOB, A., *Temps et langage*. Paris 1967. Ver especialmente pgs. 62-82 e 301-335.
- (27) Cfr. WL II, 437. (35) WL II, 451.
- (28) Cfr. WL II, 438. (36) WL II, 477-478.
- (29) Cfr. WL II, 439-477. (37) WL II, 485-500.
- (30) Cfr. WL II, 477-483. (38) WL II, 486.
- (31) WL II, 483-506. (39) WL II, 487.
- (32) WL II, 441. (40) WL II, 487.
- (33) WL II, 442. (41) WL II, 488-489.
- (34) WL II, 450. (42) WL II, 494-495.
- (43) Sobre a questão da alteridade no método dialético ver HENRICH, D., *Die Formationsbedingungen der Dialektik. Über die Untrennbarkeit der Methode Hegels von Hegels System*, *RIP* 36 (1980) 139-162, especialmente pgs 156-159.
- (44) WL II, 498-499. (46) WL II, 502.
- (45) WL II, 500-506. (47) WL II, 505-506.
- (48) Cfr. Eth. Nic. (EB) VIII 1156b. Sobre a relevância para a Teologia duma Metafísica relacional a partir do amor cfr. KASPER, W., *Christologie und Anthropologie*, *Theologische Quartalschrift* 162 (1982) 202-221.
- (49) Cfr. LIMA VAZ, H. C. de, *A experiência de Deus*, *Grande Sinal* 27 (1973) 483-498.

- (50) Ver o belo livro de BARREIRO, A., *Os pobres e o Reino. Do Evangelho a João Paulo II. A opção preferencial pelos pobres nos evangelhos e no magistério de João Paulo II para a América Latina*. São Paulo 1983.
- (51) Para uma reflexão crítica à falta de espaço para a história dos pequenos na concepção hegeliana da história ver GUIBAL, F., *Dimensions du penser hégélien*, *Revue de Métaphysique et de Morale* 89 (1984) 465-489. Ver especialmente pp. 485-486.